

Regional

ACIDENTE NAS MONTANHAS

Tragédia aérea em Castelo que ainda é um mistério

Histórias e lendas envolvem acidente de 1955, quando avião saiu de sua rota e colidiu com montanha, matando 13 pessoas

Alessandro de Paula
CASTELO

Após 60 anos, o segundo maior acidente aéreo do Espírito Santo é cercado de mistérios e lendas. A maior dúvida até hoje é o que levou o piloto Hercílio da Silva, 29 anos, a sair de sua rota e colidir com uma montanha de 1.850 metros em Forno Grande, Castelo, no dia 26 de agosto de 1955, matando 13 pessoas.

O avião atingiu o Morro do Rio Manso, uma das montanhas ao redor do Pico de Forno Grande, com 2.039 metros de altitude. O local estava coberto por denso nevoeiro. Moradores contam que, horas após a queda, helicópteros sobrevoavam a região atrás da aeronave.

A aposentada Maria Loroza Piazzzi, 82, lembra que moradores enrolaram pano branco numa madeira e apontavam na direção do acidente para orientar os pilotos.

A queda mexeu com o imaginário da população. Lendas de moradores que conseguiram encontrar potes com joias e até dinheiro são comuns. Algumas pessoas, de fato, encontraram objetos como facas e pulseiras resgatadas no meio dos destroços.

O acidente foi investigado por 24 dias. O jornal **A Tribuna** teve acesso ao relatório da comissão formada por oficiais do Ministério da Aeronáutica para apurar a tragédia.

A equipe concluiu que o comandante, por motivo ainda não claro, voava direto do Rio de Janeiro pa-



LOCAL DA QUEDA DA AERONAVE. Ao fundo, o Pico de Forno Grande, em Castelo, com 2.039 metros de altitude

ra Caravelas, na Bahia, fora dos limites da aerovia "Verde Uno", que previa sobrevoos por Vitória.

Uma das hipóteses apontadas por especialistas da época é que o piloto tentou reduzir a viagem voando direto para Caravelas e se surpreendeu com o forte nevoeiro. A montanha em que a aeronave colidiu não constava nas cartas de navegação da época.

Outra possibilidade é que o comandante possa ter encontrado no percurso original condições meteorológicas desfavoráveis e, por esse motivo, desviado a aeronave para a esquerda.

A falta de caixas-pretas no avião dificultou as apurações. O equipamento passou a ser obrigatório a partir de 1960.

Os agricultores Antônio Romeu Marinato, 66, e Valdir Faco, 69, foram ao local da tragédia ainda crianças. A pedido de **A Tribuna**, eles retornaram 60 anos depois ao

ponto mais próximo da mata para mostrar o local exato da queda.

"Eu tinha só 6 anos quando fui até lá. A gente fez o percurso todo a pé", comentou.



MORADORES da região, em foto da época do acidente, ao lado de destroços do avião



ROMEU E VALDIR: recordações

Moradores buscam motor esquecido no morro

Até hoje, moradores sonham em chegar ao ponto da queda do avião para tentar reviver as histórias contadas pelos pais ou vividas na ocasião.

Muitos afirmam que um dos motores da aeronave estaria até hoje escondido no meio da mata.

Há cerca de dois anos, o agricultor Adilson Piassi Fim, 45, reuniu um grupo de amigos com o objetivo de encontrar o motor.

"Nós conseguimos, com muita dificuldade, subir a mata. Foram duas horas e meia de caminhada, mas não encontramos nada", comentou Adilson.

Ele lembra que o grupo chegou a descer por uma fenda na mata atrás da peça.

"Meu pai contava que tentaram puxar o motor e ele acabou caindo numa gruta. Mas acho que foi coberta pela mata. Nada achamos", disse.

O pai de Adilson, Silvino Fim, que já morreu, conseguiu recuperar na época do acidente uma parte da asa do avião, que até hoje é mantida pelo filho e por sua mulher, Tatiana dos Santos Fim, 34.

As hélices chegaram a ser retiradas da aeronave pelo agricultor Riciari Marcolan.

Ele, segundo o filho, Walter Marcolan, 75, levou a peça para ficar exposta na Fazenda do Centro, casarão histórico, porém acabou desaparecendo.

ENTENDA O ACIDENTE

Rota

> **O AVIÃO** Tamoio (Douglas DC-3 PP-CBY), da Cruzeiro do Sul, levantou voo às 6h30 do Aeroporto Santos Dumont, no Rio de Janeiro, com destino final em Salvador (BA).

> **O PLANO DE VOO** previa passagem por Campos dos Goytacazes (RJ) a uma altitude de 1.500 metros e escala em Caravelas, na Bahia. Depois, o avião seguiria para Ilhéus e Salvador.

> **O TEMPO**, segundo a companhia, era considerado bom, com teto de 700 metros e boa visibilidade.

> **O ÚLTIMO CONTATO** do piloto foi às 7h31, ao sobrevoar a cidade de Campos. O avião estava a 1.500 metros de altitude.

> **PORÉM**, às 8h05 a aeronave se chocou contra o Morro do Rio Manso, com 1.890 metros de altitude, situado na área do Forno Grande, em Castelo, cujo pico principal possui 2.039



metros.

> **ANTES DO IMPACTO FINAL**, o avião perdeu uma das asas ao atingir uma árvore. Depois, se chocou contra uma parede de pedra e explodiu.

> **A AERONAVE** fabricada pela Douglas Aircraft CO, com 21,4 mil horas de voo pela companhia Cruzeiro do Sul, tinha capacidade para transportar até 22 passageiros. O primeiro voo

foi em 1943.

> **HAVIA 13 PESSOAS** a bordo do avião, sendo quatro tripulantes e nove passageiros. Desses passageiros, seis eram da mesma família.

> **O COMANDANTE DA AERONAVE**, Hercílio da Silva, tinha 29 anos e possuía 6.059 horas de voo. Foi admitido na companhia no dia 11 de junho de 1949.

MODELO DOUGLAS DC-3: aeronave se chocou contra o Morro do Rio Manso, com 1.890 metros de altitude



Acidente podia ser evitado atualmente

Para especialistas, os equipamentos utilizados na aviação moderna teriam impedido o acidente de 1955.

Um dos aparelhos é o GPWS, sistema de alerta de proximidade de solo, que dispara um som quando a aeronave está em rota de colisão. "Numa situação como aquela, o alarme soaria e o piloto teria tempo para subir", ressaltou o gerente de segurança operacional do Aero Clube do Espírito Santo, Marcos Nassif.

De acordo com ele, a aviação contabilizou em 36 anos — até 1996 — 37 mil mortos em acidentes aéreos em todo mundo. Destes, 22 mil morreram em colisões como a de Forno Grande, em que a aeronave, em voos por instrumento, atinge um terreno.

Regional

ACIDENTE NAS MONTANHAS

Resgate mobilizou a cidade inteira

O resgate dos corpos das vítimas do acidente aéreo de 1955 mobilizou a cidade de Castelo. Dezenas de moradores ajudaram na operação, que foi comandada pelo delegado Ecyr Silas de Paula, morto em 2011. Repórteres de todo o País foram à região acompanhar os trabalhos.

Os moradores antigos lembram que os corpos das vítimas foram colocados lado a lado em frente à delegacia, no centro da cidade. De lá, foram levados em radiopatrulhas até o Aeroporto de Cachoeiro de Itapemirim, de onde foram transferidos de avião para as suas cidades de origem.

Um dos moradores que mais colaborou com o trabalho foi o agricultor Ricieri Marcolan, já morto. Ele, segundo o filho, o agricultor Walter Marcolan, 75, ajudou a equipe de resgate, cedendo animais, funcionários e até a alimentação às equipes.

Como a casa do pai de Walter era o último ponto em que havia estrada, o local se tornou uma espécie de base de apoio da operação de resgate. A partir dali, o acesso à montanha era só por meio de animais ou a pé.

Walter comentou que o terreno ao redor ficou tomado de gente. “Eu era novo. No domingo, meu pai foi ao local ajudar nas buscas. Eu fui à igreja, pois a comunidade estava em festa – era dia do padroeiro Santo Agostinho”.

Na segunda, dia 29, com 15 anos, Walter foi ao local da queda e encontrou dezenas de moradores ao redor do avião. “Estava lotado”, lembrou.

Os corpos foram retirados um dia antes. Foram transportados numa espécie de padiola, embrulhados num lençol amarrado a um varão. Uma pessoa segurava na parte da frente e a outra atrás, numa caminhada de sete quilômetros do local do acidente à casa de Walter.

O agricultor diz que ainda guarda na mente a imagem dos corpos carbonizados. “Se transformaram num ‘toquinho’ assim”, comentou, fazendo gesto com a mão.

Segundo ele, só o corpo do piloto, que foi arremessado do avião antes da explosão, não se queimou.

Da casa dele, os corpos foram levados ao centro de Castelo, onde foram embrulhados em lonas pretas e permaneceram em frente à delegacia enquanto era aguardado o resgate dos demais corpos.

Em entrevista publicada em **A Tribuna** em 2005, o delegado Ecyr de Paula contou que os corpos começaram a exalar forte odor três dias após a queda do avião. “Foi uma situação bem desagradável. O povo ficou bem chocado”, comentou, à época.

VÍTIMAS DO ACIDENTE

Total de 13 mortos

> **TRIPULAÇÃO:** Hercílio da Silva (comandante), Inair Quadros de França (copiloto), Mário Araujo (operador), e Italo Gusmão (comissário).

> **PASSEIROS:** Luís Ramos, Teresinha Ramos, Valdemar Ramos, Sandra Ramos, Marisa Ramos, Ivone Carvalho, Delza dos Anjos, José Zaidan e Adevary Anselmo Nunes.

ALESSANDRO DE PAULA

FÁTIMA MARIA CASAGRANDE ANDRADE, 61, conseguiu o farol com a sogra, que usava a peça como vaso de planta



Farol do avião é encontrado

Ao longo dos dias, moradores da região foram desmontando as peças dos destroços do avião Tamoio, que ficou abandonado no meio da mata, até que a aeronave desapareceu. Pedacos de ferro e alumínio se transformaram em tampas de panela, ralador de feijão e cabos de foice.

“Durante uns dois meses passava gente aqui perto de casa com pedacos de avião presos no cavalo”, disse o agricultor Walter Marcolan, 75.

A funcionária pública Fátima Maria Casagrande Andrade, 61, resgatou o farol do avião que estava sendo utilizado como vaso de planta na casa de sua sogra.

“Um belo dia, olhando o quintal dela perguntei o que era aquilo. Ela

disse: é o farol do avião que caiu no Forno Grande. Então falei: ‘No dia que a senhora não quiser mais, dá para mim’. Minha sogra desocupou e me entregou”, lembrou.

Em casa, ela explicou que o filho limpou o equipamento. Depois, a peça foi exposta num museu que funcionou de 2002 a 2004 na cidade.

A dona de casa Maria Loroza Piazzzi, 82, lembra que chegou a possuir um ralador de feijão feito com a lataria do avião.

Um ferreiro da região foi muito procurado pelos moradores, contou a aposentada Maria Inez Facó Pazini, 66. Com as peças, ele fazia cabos de foice e de facão. “Minha mãe tinha uma tampa de panela feita com a asa do avião”, disse.



WALTER, que na época do acidente tinha 15 anos, mostra foto de moradores em volta dos destroços do avião

Retorno de evento religioso

Dos nove passageiros do avião — que tinha ainda mais quatro tripulantes —, seis eram de uma mesma família de Ilhéus, na Bahia, que retornava do 36º Congresso Eucarístico Nacional, evento católico realizado no Rio de Janeiro.

A família era composta pelo comerciante Luís Correia Ramos, 26, sua mulher Teresinha Hamdan Ramos, 25, os dois filhos — Valdemar Neto, 2 e Sandra, 5, e as irmãs de Luís — Marisa Ramos, 24, e Ivone Ramos Carvalho, 23, além da empregada do casal, Delza dos Anjos,

que também morreu na tragédia.

Jornais da época relataram que a família chegou ao Rio de Janeiro no dia 14 de julho e se hospedou na casa do pai de Luís, em Copacabana.

O congresso reuniu milhares de católicos e contou com a presença do presidente Café Filho, que levou todos seus ministros e o representante do papa Pio XII, o cardeal dom Beneditto Aloisi Masella, que veio de navio da Itália.

ACIDENTES

Ao longo de 60 anos, pelo menos 11 acidentes aéreos foram registrados no Espírito Santo. O mais grave deles ocorreu no dia 9 de maio de 1962, quando o Convaír 240, também da companhia Cruzeiro do Sul, prefixo PP-CEZ, explodiu ao aterrissar no Aeroporto Eurico de Aguiar Salles, em Vitória, matando 24 pessoas e deixando três feridos.

Investigadores concluíram que o avião voava a baixa altitude no momento em que preparava para aterrissar e atingiu uma árvore. Sobreviventes disseram que a aeronave começou a pegar fogo an-



JORNAL com fotos de vítimas

tes de tocar o solo.

O avião havia decolado às 18h18 do Aeroporto Santos Dumont, no Rio. O primeiro voo foi às 17 horas, mas a aeronave precisou retornar por causa de pane e os passageiros foram transferidos para o aparelho que acabou pegando fogo.

Outro grave acidente ocorreu no dia 13 de outubro de 2006, quando um bimotor Seneca, prefixo PT-ISF, caiu no mar, na altura de Manginhos, na Serra, matando os seis passageiros.

A aeronave decolou de Jacarepaguá, no Rio, com destino a Porto Seguro, na Bahia. Antes, parou para abastecer no aeroporto de Vitória. Os destroços do avião só foram encontrados na manhã do dia 15.



DESTROÇOS da aeronave na mata

MENSALIDADES
A PARTIR DE R\$ **180,00***

TURMAS DE AGOSTO,
INÍCIO IMEDIATO.

(27) 3336-2293
www.lusiadas.com.br

CENTRO
TÉCNICO

LUSIADAS

É logo ali, pra você chegar lá.

- Edificações
- Mecânica
- Eletrotécnica
- Climatização e Refrigeração
- Enfermagem
- Análises Clínicas
- Segurança do Trabalho
- Estética
- Administração
- Logística
- Enfermagem do Trabalho
- Instrumentação Cirúrgica

*Valor variável conforme cursos. Enfermagem do Trabalho e Instrumentação Cirúrgica.